

Em memória de um exímio memorialista: Alfredo Marques de Oliveira

(Rio de Janeiro, 1930 - Petrópolis, 2021)

In memory of an outstanding memorialist: Alfredo Marques de Oliveira

(Rio de Janeiro, 1930 - Petrópolis, 2021)

Antonio Augusto Passos Videira*

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CPBF/MCTI,

Rua Dr. Xavier Sigaud, 150 - 22290-180, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Submetido: 20/10/2021

Aceito: 20/10/2021

Resumo: Este texto, uma despedida de Alfredo Marques de Oliveira, expressa a opinião de que as memórias produzidas pelos cientistas merecem receber uma apreciação positiva por parte dos historiadores profissionais. Os dois grupos perseguem o mesmo objetivo: produzir narrativas para conferir sentido às ações humanas.

Palavras chave: história da ciência, física, memória, sentido.

Abstract: This text, a farewell to Alfredo Marques de Oliveira, states that memories, written by scientists, deserve a positive appreciation by professional historians. Both groups seek the same objective: to elaborate narratives that can make sense of human actions.

Keywords: history of Science, physics, memory, meaning.

Aqueles que se dedicam profissionalmente à história da ciência mantêm o que pode ser classificado como relação tensa e ambígua com os ditos amadores da área – em sua maioria, cientistas aposentados, muitos dos quais, incensados, talvez, por vasto tempo livre e vontade de seguir contribuindo, dedicam-se a descrever eventos que viveram ou testemunharam.

O incômodo entre os profissionais surge quando esses “historiadores” adotam a postura de que basta ter vivenciado um fato para fazer valer sua versão, como que diminuindo – mesmo que de forma não intencional – o esforço de horas, meses e, por vezes, anos que os profissionais são obrigados a despendar em arquivos e bibliotecas.

Mas os profissionais – ao menos, alguns entre eles – também reconhecem que as narrativas históricas dos “amadores” são úteis, pois fornecem pistas preciosas para as suas pesquisas. Assim, ao lado dos imprescindíveis documentos, as vivências dos cientistas podem facilitar o caminho em direção à construção de suas

próprias narrativas.

Se é certo que existem aqueles para os quais a história é atividade recreativa – à qual só se pode dedicar uma vez terminado o trabalho “sério”, ou seja, fazer pesquisa em alguma área da chamada ciência dura –, há também cientistas para quem contar aquilo que vivenciaram é coisa tão séria como necessária.

Para estes ou estas, a elaboração da perspectiva dos fatos que viram e viveram é tarefa que qualificariam como imprescindível – talvez, o mais acertado fosse dizer vital, ainda mais quando a prática de narrar a própria história é acompanhada, conscientemente, da atitude – para mim, correta – de oferecer mais uma versão dos fatos, sem desejar que esta seja tomada como a verdade.

Penso que Alfredo reconhecia as características do tipo de história a qual se dedicou – certamente, com gosto, ao longo de pouco mais de três décadas. Ele não trabalhava em arquivos e não se pretendia historiador. Ainda assim, os muitos textos (livros e artigos) que escreveu são narrativas históricas consistentes e que muito nos ensinam – a bem da verdade, ele não escrevia apenas memórias; ele também se pronunciava sobre temas atuais, como a relevância da educação.

Os trabalhos de Alfredo exibem sua vasta cultura – por sinal, uma das qualidades que os profissionais da

*Electronic address: guto@cbpf.br

história da ciência também devem ter. Para além dela, Alfredo tinha outro mérito – igualmente necessário em historiadores profissionais: escrevia bem. E sua escrita merece esse adjetivo não só pelo respeito à Norma Culta, mas também (e principalmente) por seu estilo vivaz e fluido, capaz de prender a atenção de quem o lia – aliás, seu discurso oral também era impecável.

Contudo, não são as qualidades acima que mais chamam a atenção na produção do Alfredo memorialista. Quanto a mim, o ponto a ser sublinhado é o motivo pelo qual ele produziu tantas páginas para falar de colegas e, principalmente, da instituição à qual esteve ligado por 68 anos.

Alfredo sabia que a história era imprescindível para a formação do caráter do cientista – talvez, um(a) cientista que não conheça minimamente a história da área em que faz pesquisa ou que não saiba responder com bons argumentos à pergunta “por que a ciência é importante?” não mereça o qualificativo “bem formado(a)”.

Os textos de Alfredo parecem ser construídos com uma mesma preocupação: defender que uma ciência que

não conhece seu passado não se faz inteira nem no presente, nem no futuro.

Ao nos contar sua convivência com Francisco Mendes de Oliveira Castro, César Lattes, Mituo Taketani, Jayme Tiomno, Neusa Amato, Marcello Damy, bem como com sua principal personagem, o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, Alfredo servia – e parecia gostar dessa missão – como ponte entre o presente e o passado. Elo necessário para imaginar e planejar o futuro.

As pessoas que conviveram com Alfredo são unânimes em mencionar, entre as suas muitas qualidades pessoais, a generosidade. Correto! Contudo, essa generosidade foi muito além e seguirá chegando a quem não pôde disfrutar de sua companhia: está em seus livros e artigos.

Nestes momentos tão difíceis, mesquinhos e tristes que estamos vivendo, as memórias escritas por Alfredo Marques de Oliveira nos dão forças para não desistir.

Antonio Augusto Passos Videira
Rio de Janeiro, 20 de outubro de 2021



Alfredo Marques e Antonio Augusto Passos Videira na comemoração dos 50 anos da Revista Ciência e Sociedade, Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), Rio e Janeiro, 2013.